



LUISA FERREIRA

O PANTEÃO PARA SOPHIA

Filipa Melo

A 2 de Julho os restos mortais de Sophia de Mello Breyner, falecida há dez anos, serão trasladados para o Panteão Nacional. A homenagem destaca «a mulher digna, a cidadã corajosa, a portuguesa insigne», uma das vozes centrais da poética portuguesa do século XX.

Ainda antes de saber ler, Sophia de Mello Breyner Andrezen conheceu a poesia, através da *Nau Catrineta* que a criada Laura a ensinou a dizer de cor. «Eu era de facto tão nova, que nem sabia que os poemas eram escritos por pessoas, mas julgava que eram consubstanciais ao universo, que eram a respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio». Eram os dias luminosos da infância na Quinta do Campo Alegre (actual Jardim Botânico do Porto) ou na casa branca na praia da Granja, em frente ao mar. Desde muito cedo fundido no nome das coisas, depois também no tempo da memória, passada ou presente, o mundo apresentou-se como uma essência visível, cujo ditado a poeta e escritora não se cansaria de verbalizar.

Por «amor da geometria e do concreto», a palavra surgiu-lhe instintiva, límpida, em ordenação tão perfeita quanto despersonalizada. O que é mítico unir-se-á ao que é real, nos contos infantis (escritos para os cinco filhos do casamento com o jornalista, político e advogado Francisco Sousa Tavares) como na poesia. Nesta, Herberto Helder destacou: «O poema existe por si, é uma forma impessoal que as mãos limpas arrancam à desordem para apresentar como ordem objectiva no meio das corrupções, inclusive as corrupções da nomeação. (...) Forçoso aceitá-lo, trata-se do concreto absoluto da percepção. 'Vê-se' o verso liso e homogéneo; o corpo do poema não apresenta nenhuma ferida ou cicatriz. É a excelência».

De origem dinamarquesa pelo lado paterno, nascida em 1919 e falecida em 2004, Sophia, assim nomeada como em predestinação de um «conhecimento íntimo, ao mesmo tempo atónito e luminoso do essencial» (Eduardo Lourenço), legou-nos uma das obras mais importantes da literatura portuguesa novecentista: 14 livros de poesia, outros tantos de narrativa infantil, contos ou peças de teatro. Traduziu obras de Dante e Shakespeare.

Como cidadã e intelectual, teve uma intervenção política sem ambiguidades na denúncia do regime salazarista e dos seus seguidores: entre outras iniciativas, apoiou a candidatura de Humberto Delgado, subscreveu o Manifesto dos 101 e integrou a Comissão Nacional de Apoio aos Presos Políticos. Após o 25 de Abril, esse «dia inicial inteiro e limpo», foi deputada à Assembleia Constituinte pelo PS. Em 1999, recebeu o Prémio Camões. Como Helena Malheiro salientou, no estudo *O Enigma de Sophia: da Sombra à Claridade*, «ao absurdo inerente a um 'estar-no-mundo' existencialista, Sophia acres-

Como cidadã e intelectual teve uma intervenção política sem ambiguidades na denúncia do regime salazarista

centa o seu vasto humanismo cristão, onde a uma ética irrepreensível se alia a estética luminosa e ímpar da sua poesia do fundamento».

Em Fevereiro último, a Assembleia da República determinou a concessão de honras de Panteão Nacional à escritora, cuja vida e obra foram um exemplo raro de «fidelidade aos valores da liberdade e da justiça».

A trasladação dos restos mortais de Sophia de Mello Breyner terá lugar em Lisboa, no próximo dia 2 de Julho. O cortejo sairá do Cemitério de Carnide (16h30), em direcção à Capela do Rato (17h), onde se celebrará uma missa (só para a família). Passará depois pela Assembleia da República (18h15) e, por fim, chegará ao Panteão Nacional. A cerimónia seguinte (transmitida em directo pela RTP1) terá início às 19h e contará com actuações da Companhia Nacional de Bailado (Duetto do Lago dos Cisnes e Duetto de Orfeu e Eurídice) e do Coro do Teatro Nacional de São Carlos ('Hino Nacional' e 'Magnificat').

Farão uso da palavra, por ordem, José Manuel dos Santos, director cultural da Fundação EDP e amigo da família, a presidente da Assembleia da República e o Presidente da República. Em seguida, irá escutar-se uma gravação, de 1957, da poeta lendo os seus poemas. Sophia de Mello Breyner repousará numa sala onde se encontram já os restos mortais de Humberto Delgado e Aquilino Ribeiro.

Livros inacessíveis

A reedição da obra de Sophia em prosa está, desde 2012, a cargo do grupo Porto Editora; desde 2013, também a da poesia, sob a chancela da Assírio & Alvim. Neste âmbito, sairão, em Setembro próximo, **Livro Sexto** (pref. de Gustavo Rubim), **Geografia** (pref. Frederico Lourenço) e **Dual** (pref. Eduardo Lourenço). A Porto Editora «não equaciona» a edição de obras antes publicadas pela Caminho e actualmente indisponíveis, como **Obra Poética** (primeira reunião da poesia num só volume) ou **Fotobiografia: Uma Vida de Poeta** (org. Paula Mourão e Teresa Amado). Doado pela família em 2010, o espólio da escritora encontra-se depositado na Biblioteca Nacional.

→ TESTEMUNHOS



Sem sentimentalismos vulgares

«(...) há qualquer coisa de inexplicável, de inexplicável na poesia de Sophia Andresen. De tal maneira a sua poesia é autêntica, liberta de atitudes mentais ou de sentimentalismos vulgares, que é dolorosamente pessoal. É verdadeiramente a expressão de um ser. (...) A sua sensibilidade raríssima, unida ao poder maravilhoso de ver e se tornar irmã da beleza das imagens, a possibilidade de se exprimir sem ordenação mental, fazem da sua poesia uma revelação anímica, um descobrimento íntimo, uma dolorosa e rara tentativa de consciencialização».

Francisco Sousa Tavares

Acção n.º 189, 1944

Imperativa e emocionalmente vibrante

«Assim escreveu Sophia: 'recomeço sem cessar a partir da página em branco/ E este é o meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo'. A sua obra afirma o poema como objecto verbal denso, construção e ofício da linguagem. Com léxico preciso e frase austera, imperativa mesmo se emocionalmente vibrante, em Sophia a aliança entre a estética e a ética implica um combate incessante contra os 'capitalistas da palavra'. 'Contra o abutre e a cobra/ o porco e o milhafre', a sua obra, em prosa e verso, vem falar-nos 'De um país libertado/ De uma vida limpa/ De um tempo justo'. Numa linguagem geométrica, que reenvia a Cesário e Reis, Horácio e João Cabral, a clareza da sua dicção é necessária a este tempo escuro. Que a sua entrada no Panteão não signifique silenciamento do que verdadeiramente importa: a leitura dos seus livros».

António Carlos Cortez

Poeta e crítico literário

A integridade primitiva do real

«A relação de Sophia (...) com o mar é vasta e profunda, nela se radica a busca de uma linguagem que visa recuperar a potência elementar das coisas e do momento em que, sendo nomeadas, elas projectam a sua essência para o exterior de si, começando plenamente a sua existência. A proximidade do mar, em Sophia, funciona como instrumento de renovação desse momento genesiaco que nos restitui a integridade primitiva do real».

Federico Bertolazzi

Professor universitário e tradutor, Actas do Colóquio Internacional Sophia de Mello Breyner Andresen, Porto Editora, 2013



Positividade original

«Há poucos itinerários poéticos em língua portuguesa tão impregnados de positividade original, tão de raiz, canto ao rés de uma realidade aceite como esplendor efêmero e eterno e por isso tão isentos de polemismo e intrínseca negatividade, como o de Sophia de Mello Breyner».

Eduardo Lourenço

Ensaísta

'Para um retrato de Sophia', 1985

O pássaro Sophia

«A Sophia era poesia ela própria, na sua pessoa. Era bela para além da aparência, como a sua elegância que residia nos gestos, na coragem que demonstrou. A Sophia olhava para o mundo e as suas observações eram sempre pertinentes mas irrompiam pela conversa adentro com uma profunda invenção poética. A famosa distração da Sophia era uma forma de liberdade. A Sophia era um pássaro».

Pierre Léglise-Costa

Ensaísta e tradutor